



Revista Historiar

ISSN: 2176-3267

Vol. 15 | Nº. 29 | Jul./Dez. de 2023

**Maria de Fátima Morais Pinho**

*Universidade Regional do Cariri /URCA*  
fatima.pinho@urca.br

**Maria Lucélia de Andrade**

*Universidade Regional do Cariri /URCA*  
lucelia.andrade@urca.br

## HISTÓRIA LOCAL: usos e potencialidades pedagógicas

---

### RESUMO

O presente artigo é fruto das discussões desenvolvidas na disciplina de “História local: usos e potencialidades pedagógicas” do mestrado profHistória da Universidade Regional do Cariri – URCA. Diante do desafio e problemas enfrentados no processo educacional brasileiro, sobretudo, na disciplina de História, observa-se a necessidade de fazer uso de novas abordagens, metodologias e recursos pedagógicos. Neste sentido, defendemos que o ensino de História local e a Educação patrimonial, se apresentam como importantes abordagens pedagógicas, capazes de desenvolver nos discentes criticidade, o sentimento de identidade e de pertencimento, colaborando para um melhor desenvolvimento do ensino-aprendizagem. Dentro de uma proposta de ensino que se utiliza das chamadas metodologias ativas, um importante recurso é a “aula de campo”, atividade realizada fora do ambiente de sala de aula que pode oferecer a/ao educando um leque de benefícios que vão além da simples transmissão de fatos e dados, tornando o aprendizado mais envolvente e significativo (Hencklein, 2013). Nesta perspectiva, apresentamos uma proposta de atividade de campo na cidade de Juazeiro do Norte, tendo como percurso o “roteiro de fé” realizado por romeiras/os que anualmente visitam a cidade.

**Palavras-chave:** Ensino de História local; educação patrimonial; aula de campo

## LOCAL HISTORY: uses and pedagogical potentials

---

### ABSTRACT

This article is the result of discussions developed in the course “Local History: uses and pedagogical potential” of the Professional master’s degree in History (ProfHistória) at the Universidade Regional do Cariri – URCA. Given the challenge and problems faced in the Brazilian educational process, especially in the History discipline, there is a need to make use of

new approaches, methodologies and pedagogical resources. In this regard, we argue that the teaching of local History and Heritage Education present themselves as important pedagogical approaches, capable of developing in students criticality, a feeling of identity and belonging, contributing to a better development of teaching-learning. Within a teaching proposal that uses so-called active methodologies, an important resource is the “lessons of field”, an activity carried out outside the classroom environment that can offer the student a range of benefits that go beyond simple transmission of facts and dates, making learning more engaging and meaningful (Hencklein, 2013). From this perspective, we present a proposal for a field activity in the city of Juazeiro do Norte, taking as its route the “faith track” carried out by pilgrims who visit the city annually.

**Keywords:** Teaching local history; heritage education; lessons of field

## Introdução

O ensino de História tem se tornado cada vez mais desafiador. Em meio à inúmeras formas de negacionismos que invadem as redes sociais e as plataformas de streaming, o professor-pesquisador, também, precisa lidar com as profundas mudanças sociais e com as políticas educacionais das últimas décadas. Diante dos desafios, os professores de História são instigados a se reinventar para continuar fazendo da docência o compromisso de formar cidadãos críticos, conscientes, éticos e em sintonia com as múltiplas realidades brasileiras.

O direito ao passado, à memória, à História e à identidade social está no cerne do ensino de História, que deve auxiliar os jovens cidadãos discentes a se entenderem enquanto sujeitos e partícipes dos processos históricos. Parte desse desafio inicia-se com a busca de uma conscientização acerca de seu lugar social, do passado de sua comunidade e da importância do conhecimento histórico para a construção de sua própria identidade. Com isso é possível instigar no alunado uma melhor sintonia com a disciplina história que, muitas, vezes é vista pelas gerações mais jovens como dissociada da sua experiência e realidade.

Os cursos de formação docente, graduação e pós-graduação, têm discutido com afinco as formas de repensar, e adequar às novas realidades o ensino e a pesquisa histórica como pilares da formação do profissional em História. No esteio desse repensar os saberes docentes, temos o protagonismo dos mestrados profissionais em ensino, que permitem uma troca muito rica entre os docentes que estão nas salas de aula de ensino médio e fundamental e os docentes da academia. Esse profícuo encontro tem resultado em importantes pesquisas que pensam o ensino não apenas do ponto de vista teórico e metodológico, mas do ponto de vista da vivência e experiência dos docentes em atividade.

Diminuir essa distância entre o que se produz na universidade e o que se discute nas salas de aula do país passa também por uma reinvenção nas formas de pensar e falar sobre a História, em especial com as gerações mais novas, que tem linguagens e visões de mundo muito próprias, influenciadas pelas telas que abrem janelas para um mundo sem fronteiras. Como nos aconselha Flávia Caimi, é preciso

Levar em conta o universo da criança ou do adolescente não é, pois, abdicar do rigor intelectual ou do valor do conhecimento histórico, mas

garantir que a apropriação deste conhecimento ocorra permeada de sentido e significação, resultando em sólidas aprendizagens. (CAIMI, 2006, p. 24)

Dentre as possibilidades de aproximar os discentes da ciência histórica, do métier do pesquisador, incentivá-los a pesquisar o que lhes é mais próximo e mais conhecido pode ser uma ferramenta rica que permite inserir esses alunos não apenas em uma visão metodológica, mas também, de pertencimento e ligação com a História que aparece nos livros didáticos, ainda a principal ferramenta de ensino utilizada nas salas de aula do país.

A História local é uma abordagem muito útil na utilização desse exercício de reflexão e análise feito pelos alunos. Não se trata de transformar os estudantes em “Historiadores” encarregados da escrita da História, mas sim ajuda-los a compreender como os conceitos e métodos da ciência histórica são articulados. Perceber as ligações, mudanças, permanências e peculiaridades de seu local, sua comunidade com orientação e intermediação do professor da disciplina. Pensar a História local como um itinerário formativo, que leve os alunos a abordar as historicidades de sua cidade, comunidade, etnia é fomentar um processo de “encasamento”<sup>1</sup> num mundo cada vez mais dissociado de laços e raízes, um mundo rizomático.

Não é de hoje que a História local habita as práticas de escrita da história e da memória dos lugares. Embora constantemente haja uma confusão entre as obras de história local feitas por historiadores com formação acadêmica e as obras feitas pelos historiadores amadores, que não tem conhecimentos das regras teóricas e metodológicas da escrita da História. Segundo Sandra Cristina Donner,

Uma reatualização desta discussão aparece na obra de Marieta Ferreira, que nomeia as produções não acadêmicas como sendo produto de History Makers. Segundo ela, existe uma confusão entre o que é história e memória, e entre os historiadores e os history makers, estes não fazem uso das regras acadêmicas e coletam depoimentos orais interpretando-os como se expressassem a história em si mesmos. Seria uma disputa entre a história-objeto e a história-conhecimento (FERREIRA, 2000, p. 326 apud DONNER, 2012, p. 229)

---

<sup>1</sup> Usamos aqui a referência ao conceito de “encasamento” utilizado por Byung-Chul Han. Enquanto reflete sobre os rituais na sociedade (algo que está cada vez mais ausente), o encasamento transforma o estar-no mundo em estar em casa. Para o autor, os rituais são essenciais para esse processo, eles “são no tempo o que uma habitação é no espaço, fazem o tempo se tornar habitável.” (BYUNG-CHUL Han, 2021, p. 10-11).

É possível que chamemos esses “history makers” de memorialistas, afinal a forma de escrita que eles praticam produz memórias, não História. O texto histórico tem, como nos lembra Certeau, características próprias

De forma mais geral, um texto ‘histórico’ (ou seja, uma nova interpretação, o exercício de métodos próprios, a elaboração de outras pertinências, um deslocamento na definição e no uso do documento, um modo de organização característico, etc.) enuncia uma operação que se situa no interior de um conjunto de práticas. Esse é o primeiro aspecto, essencial numa pesquisa científica. Um estudo particular será definido pela relação que estabelece com outros contemporâneos, com um ‘estado da questão’, com as problemáticas exploradas pelo grupo e os pontos estratégicos constituídos por elas, com os postos avançados e às distâncias assim determinadas ou tornadas pertinentes em relação a uma pesquisa em curso. Cada resultado individual inscreve-se num conjunto cujos elementos dependem estreitamente uns dos outros, cuja combinação dinâmica forma, num momento dado, a história. (CERTEAU, 1988, pg. 23.)

Se a história local não é novidade nas discussões metodológicas da história, tampouco é nova a sugestão do seu uso como ferramenta no ensino fundamental e médio. Nos Parâmetros Curriculares Nacionais de História de 1997, o uso da História Local já está previsto e sugerido como tema já para as duas primeiras séries do ensino fundamental. De acordo com Selva Guimaraes “os objetivos gerais e as temáticas selecionadas priorizam questões que partem do meio próximo da criança, dos espaços e grupos de vivência, da localidade, em diferentes temporalidades.” (FONSECA, 2006, p. 130.)

Nesta perspectiva, os PCNs (1997), propõem, estudar o passado a partir de dados recolhidos no presente,

Conhecendo as características dos grupos sociais de seu convívio diário, ampliando estudos sobre o viver de outros grupos da sua localidade no presente, identificando as semelhanças e as diferenças existentes entre os grupos sociais e seus costumes; e desenvolvam estudos sobre o passado da localidade, identificando as mudanças e as permanências nos hábitos, nas relações de trabalho, na organização urbana ou rural em que convivem (BRASIL/ PCN, 1997, p. 41)

A História local também não saiu incólume quando se trata de críticos. Alguns apontam a possibilidade que ela venha a incentivar uma História por demais fragmentada perdendo de vista a perspectiva mais ampla. Há também a preocupação para que ela não se torne uma espécie de “vedete” do ensino de História, ou uma espécie de panaceia. Tais argumentos devem ser observados e debatidos.

Não restam dúvidas que instigar os alunos a investigarem o passado de suas famílias, comunidade ou cidade é um exercício muito profícuo, que com a orientação cuidadosa do professor, pode resultar não só o incentivo ao pensamento analítico e reflexivo dos discentes, mas também um incentivo a aproximação com as gerações passadas, seus laços e a sensação de pertencimento não apenas ao local, mas também, a identificação como sujeitos ativos da História, que não deve ser composta apenas por narrativas, nomes e datas que se mostram muito distantes da realidade desses alunos. Esse itinerário reflexivo também possibilita uma aproximação da discussão acerca do conhecimento e preservação do Patrimônio histórico, outro tema muito importante para o letramento histórico da sociedade.

### **Educação Patrimonial e o uso de metodologias ativas no Ensino de História Local**

O processo de criação de interesse sobre a histórica local e o patrimônio histórico não acontece de forma espontânea, nem da noite para o dia. É um processo que exige do professor uma sensibilidade aguçada articulando saberes locais, narrativas de memória e a escrita e a metodologia da História, mostrando, inclusive, que a História local ao invés de ser uma “migalha” isolada de história está articulada com o regional, o nacional e o mundial, em um mundo globalizado onde as coisas não acontecem dissociadas. Perceber os diferentes ritmos e as ligações que as diversas realidades nos trazem, bem como as peculiaridades de cada lugar é um poderoso exercício para que se desenvolva nos estudantes um maior sentimento de pertença e de identidade com a História como ciência e como conteúdo escolar.

A construção da aproximação dos estudantes com a História e com o espaço ao qual pertencem passa também pelo descobrimento de suas raízes, costumes e rituais. Uma forma de estimular os discentes é instiga-los a procurar documentos, fotos, cartas, diários, cartões postais em suas próprias famílias, de modo a levar a uma análise e reflexão sobre esses fragmentos do passado. Não devemos perder de vista, no entanto, que é possível que tais tipos de documentos, acima citados, podem não ser encontrados nas famílias desses alunos. Mas, esses não são os únicos tipos de fontes que podem ser usados. A memória e a oralidade também podem ser usadas como fontes históricas a serem exploradas.

Dentro da mesma abordagem, outra importante fonte que pode ser utilizada como recurso pedagógico no ensino de história local refere-se ao patrimônio material. A grosso modo, pode-se dizer que o patrimônio material é todo aquele de bens tangíveis, como os prédios, coleções de arte, monumentos que fazem parte do patrimônio material ligado à cultura de um local. Já o patrimônio imaterial é aquele composto por bens não tangíveis, mas também de enorme importância social, tais como saberes, fazeres, dizeres, festas e ritos.

A abordagem da educação patrimonial, seja ela material e imaterial, no Ensino de História, tende a possibilitar a/ao aluna/o do ensino básico uma maior interação com seu espaço, oportunizando o desenvolvimento de habilidades de pesquisa e análise.

Conforme o “Guia Básico da Educação Patrimonial”, do IPHAN, educação patrimonial:

Trata-se de um processo permanente e sistemático de trabalho educacional centrado no Patrimônio Cultural como fonte primária de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo. A partir da experiência e do contato direto com as evidências e manifestações da cultura, em todos os seus múltiplos aspectos, sentidos e significados, o trabalho da Educação Patrimonial busca levar as crianças e adultos a um processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização de sua herança cultural, capacitando-os para um melhor usufruto destes bens, e propiciando a geração e a produção de novos conhecimentos, num processo contínuo de criação cultural. (HORTA, 1999, p.5)

Entendemos a Educação patrimonial como um instrumento de “alfabetização cultural”, permitindo a/ao discente analisar de forma crítica o universo ao qual esta inserido, seu lugar, sua forma de ser e vivenciar a cultura, religiosidade, lazer, etc. Desta forma, afirma Horta, “[...] O conhecimento crítico e a apropriação consciente pelas comunidades do seu Patrimônio são fatores indispensáveis no processo de preservação sustentável desses bens, assim como no fortalecimento dos sentimentos de identidade e cidadania.” (1999, p. 04)

Um caminho bastante profícuo e enriquecedor na prática pedagógica de professoras/es é a utilização das chamadas “metodologias ativas” que podem ser definidas como:

estratégias pedagógicas para criar oportunidades de ensino nas quais os alunos passam a ter um comportamento mais ativo, envolvendo-os de modo que eles sejam mais engajados, realizando atividades que possam auxiliar o

estabelecimento de relações com o contexto, o desenvolvimento de estratégias cognitivas e o processo de construção de conhecimento. (VALENTE, ALMEIDA & GERALDINI, 2017, p.464)

Colocando, portanto, a/o aluna/o no centro do processo de aprendizagem, não focando apenas na entrega de conteúdos, mas possibilitando um ambiente de aprendizagem no qual as/os mesmas/os deixem de ser meros receptores de informações e passem a ser protagonistas, participantes ativos do conhecimento, com atividades que as/os desafiem a pensar, questionar e explorar. Isso pode incluir discussões em grupo, resoluções de problemas, projetos interdisciplinares como, aula de campo, por exemplo.

Segundo Hencklein (2013, p.2), a aula de campo como metodologia pedagógica

[...] admite além do entendimento conceitual a aquisição de conhecimento procedimental, pois durante a aula de campo são utilizadas diversas técnicas de coleta de dados para posterior interpretação e discussão permitindo uma interação muito maior do aluno com o assunto que está sendo ensinado.

A aula de campo revela-se, portanto, como uma estratégia pedagógica extremamente eficaz no ensino de história local, uma vez que permite as/os alunas/os uma imersão direta nos espaços e contextos históricos que estudam, oferecendo a oportunidade de se conectarem com a história de sua comunidade e compreenderem as transformações que ocorreram ao longo do tempo.

Diante de tais reflexões, trazemos uma possibilidade, dentre muitas possíveis, para realização de uma aula de campo. Não se trata de uma “receita pronta” ou manual de como fazer, mas sim um relato de experiência que pode instigar o leitor a pensar seus próprios roteiros e reflexões. Nosso espaço é o que chamamos de “Roteiro da fé” e a cada turma que vivencia essa experiência, aprendemos mais sobre as inúmeras possibilidades de percepções e análises que os docentes podem trazer para a discussão acerca da História local e do Patrimônio histórico.

### **Roteiro da Fé: uma experiência de aula de campo nos caminhos da/o romeira/o em Juazeiro do Norte**



Juazeiro do Norte, situada no sul do Ceará, é conhecida como a “capital da fé”, nascida sob a égide da chamada “religiosidade popular”, desde o final do século XIX é o centro de romaria para milhares de sertanejas/os.<sup>2</sup>

Segundo dados da Prefeitura de Juazeiro do Norte cerca de 2,5 milhões de fiéis vêm ao município anualmente. Embora, as romarias aconteçam durante todo o ano, existem hoje quatro romarias que se destacam como sendo as maiores: Morte do padre Cícero (20 de julho); Festa de Nossa Senhora das Dores (01 a 15 de setembro); Dia de finados (28 de outubro a 02 de novembro); Festa Nossa Senhora das Candeias (28 de janeiro a 02 de fevereiro).

Ao chegar na “terra santa”, os fiéis percorrem a cidade a pé ou em seus transportes, refazendo os caminhos da fé, os lugares considerados por eles como sagrados. Embora, os (as) romeiros(as) percorram toda a urbe e cidades vizinhas (Crato e Barbalha, principalmente), existem alguns percursos vistos como tradicionais e sagrados, pois, são os lugares e caminhos pisados pelo padre Cícero. Entre eles destacamos: O Horto, Basílica Menor de Nossa Senhora das Dores, Casa Museu do padre Cícero, Largo do Socorro (capela de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, Casa dos Milagres), praça padre Cícero, Santuário dos Franciscanos, Santuário do Coração de Jesus (Igreja dos Salesianos).

Com base nessa percepção, apresentamos aqui uma proposta de aula de campo que consiste percorrer o roteiro feito pelo(a)s romeiro(a)s do padre Cícero quando chegam em Juazeiro do Norte. Optamos aqui por chamar tal percurso de “roteiro da fé”.

A aula começa pela Basílica Menor de Nossa Senhora das Dores, passando pela casa museu do padre Cícero, praça e Capela do Perpétuo Socorro e finalizando na praça Padre Cícero, num percurso de, aproximadamente, 5 km em 3h, conforme mapa abaixo:

---

<sup>2</sup> Sobre esta questão ver: DELLA CAVA, Ralph, 2014; PINHO, 2023.



Figura 1 - Mapa do percurso realizado na aula de campo. Fonte: Google Maps

## A. Basílica de Nossa Senhora das Dores

A Basílica menor de Nossa Senhora das Dores (ponto A no mapa), teve sua construção iniciada em 1827, quando ainda era uma fazenda pertencente ao padre Pedro Ribeiro de Carvalho.

Em 1875, com a chegada do padre Cícero ao povoado para ser o 6º capelão, o templo teve sua primeira reforma, sendo concluído somente em 1884 devido ao ciclo de seca. Neste mesmo ano, em visita pastoral ao Cariri, o bispo do Ceará, Dom Joaquim José Vieira, consagrou pessoalmente seu altar. Foi, portanto o primeiro e mais importante templo católico do povoado.

Nesta igreja, em 1º de março 1889, após uma noite de vigília suplicando um bom inverno, ocorreu pela primeira vez o fenômeno que ficou conhecido como o “milagre de Joaseiro”, quando, se acredita, que a Hóstia Consagrada tomada em

comunhão pela beata Maria de Araújo se transmuda em sangue dando início a uma grande devoção popular e transformando o povoado num centro de romarias e peregrinação.



**Figura 2** - Fotos da Basílica Menor de Nossa Senhora das Dores

Somente em 1917, com a criação da Paróquia de Nossa Senhora das Dores, que o templo deixou de ser capela e ganhou o status de Igreja Matriz. Em 2004, com a chegada do bispo Dom Fernando Panico, foi consagrada como “Santuário Diocesano” e em 2008, elevada ao título de Basílica Menor, pelo Papa Bento XVI.

Os principais eventos religiosos da cidade acontecem nesta Basílica, principalmente, em épocas de romarias.

Entre outros temas, é solicitado que as/os alunas/os observem as manifestações e ritos religiosos, como também a própria arquitetura do templo. Pode-se, ainda, discutir as narrativas de fundação da cidade.

## **B. Casa Museu do Padre Cícero**

No percurso entre a Basílica Menor e a praça do Socorro, é possível visitar o **“museu paroquial Monsenhor Murilo”**<sup>3</sup> inaugurado em dezembro de 2010, contando com um acervo de fotografias, livros, vídeos e objetos pessoais do Monsenhor e, também, da paróquia de Nossa Senhora das Dores.

Na rua São José está localizado o segundo ponto do nosso roteiro, a **“Casa Museu do Padre Cícero”**. O imóvel foi a residência do sacerdote nos últimos anos de sua vida. De estilo moderno para a época, tem vários quartos e grandes salas. No casarão, padre Cícero recebia a visita de autoridades, jornalistas, oferecia banquetes para políticos, mas, também recebia os romeiros e as romeiras.

<sup>3</sup> Monsenhor Francisco Murilo de Sá Barreto (1933-2005), vigário da paróquia de Nossa Senhora das Dores por 48 anos, conhecido pelas/os romeiras/os como “vigário do Nordeste”.

A fachada da casa exibe oito janelas, e seu interior é dividido em diversos quartos, salas amplas e arejadas. No quintal, o padre tinha um pequeno zoológico para abrigar a diversidade de animais que recebia de presente das/os devotas/os. Em 1957, a casa foi transformada em um museu, que é administrado pela Congregação Salesiana.<sup>4</sup>



**Figura 3** - Fotos da Casa Museu do Padre Cícero

A primeira sala, onde o sacerdote recebia suas visitas, é hoje a sala de recepção do museu. No primeiro quarto, rememora-se o seu falecimento, onde está exposta a cama que lhe serviu de caixão durante o seu velório, além, de fotos de sua família, e recortes de jornais que tratam de sua morte e sepultamento.

Nos demais quartos, é exposta uma variedade de objetos como louças, vestimentas, ex-votos, animais empalhados, móveis, parte da biblioteca e peças de uso pessoal do Padre Cícero guarda-roupas, tudo em bom estado de conservação.

Em 2009, numa das reformas do imóvel, foi descoberta no quintal uma espécie de sala subterrânea, gerando especulações sobre qual seria sua utilidade: lugar onde guardava armas e munições usadas na chamada “guerra civil” do Ceará em 1913/14? Ou seria o lugar onde o padre escondia os paninhos dos milagres da beata Maria de Araújo?

Em 2019, foi decretado pela prefeitura de Juazeiro do Norte o tombamento do imóvel por seu valor histórico, arquitetônico e cultural.

### **C. O Largo do Socorro**

---

<sup>4</sup> A Congregação Salesiana foi a herdeira testamental do padre Cícero que deixou, entre outros bens, sua casa de morada, na rua São José e o Horto (terreno no cume de uma serra, onde encontra-se o casarão de veraneio do sacerdote, estátua e outros bens de símbolos sagrados). Sobre o Horto ver o livro: Pinho, Maria de Fátima Moraes. **Horto do padim Cico**: narrativas, imaginários e intervenções. Sobral: Sertão Cult, 2023.

O próximo ponto do roteiro é o largo do Socorro onde encontramos: a capela de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, a Casa dos Milagres, o Cemitério do Socorro e o Memorial padre Cícero.

A capela do Socorro, como é popularmente conhecida, tem uma história muito interessante. Sua construção foi financiada por uma viúva, dona Hermínia Marques Gouvêa, como pagamento de uma promessa, conforme carta enviada por ela à redação do jornal A UNIÃO, do Rio de Janeiro:

JUAZEIRO – D. Herminia Marques de Gouvêa – Só agora recebemos sua cartinha de 4 de abril(!) referente à grande graça que obtive o Rev. Padre Cícero, por intercessão de Nossa Senhora do Socorro e pela qual felicitamos o povo do Juazeiro. (A UNIÃO – RJ, Nº 249, 08/09/1905, p. 02).

Somente em 1932, a capela foi consagrada pelo segundo bispo da Diocese de Crato. A capela pertence ao cemitério do Socorro, onde estão sepultadas algumas das mais importantes personalidades da história do Juazeiro: José Marrocos, Beato José Lourenço, membros da família Bezerra, entre outros. No interior da capela, sabe-se que foram sepultadas cinco pessoas: Dona Hermínia Gouvêa, a mãe e irmã do padre Cícero, a beata Maria de Araújo e o próprio sacerdote. Dentre estes túmulos, dois tem histórias muito peculiares e marcantes: o da beata Maria de Araújo e do padre Cícero.

A beata Maria de Araújo faleceu em 1914, sendo sepultada na capela. Seu túmulo era lugar de devoção e manifestações religiosas. Em 1930, porém, o então vigário do Juazeiro, padre José Alves de Lima, manda violar o seu túmulo e, sem conhecimento e autorização da família, retirar de lá seus restos mortais, sobrando apenas um pedaço do crânio com alguns fios de cabelos, o rosário e o cordão de São Francisco que fazia parte de sua mortalha. Em desagravo a este ato arbitrário e criminoso, padre Cícero recolheu estes pequenos restos, colocando-os em um frasco de vidro e registrando em cartório com seguinte informação:

Neste vidro devidamente lacrado se acha tudo que encontrou-se nos despojos mortais da Beata Maria de Araújo, quando em 22.10.1930 foi o seu túmulo aberto clandestinamente por ordem do Revmo. vigário desta cidade Monsenhor José Alves de Lima. (MACHADO, 1994, p. 54)



Ainda hoje não se sabe o que foi feito dos restos mortais da beata Maria de Araújo, como também, não se sabe onde está o frasco de vidro que o padre Cícero registrou ter guardado estes restos mortais. Desde o começo deste século, esta questão veio à tona, sendo formado um grupo denominado “pró-memória da beata Maria de Araújo”, que reivindica um posicionamento da Diocese do Crato com relação a esta questão, mas que, até o momento, não se pronunciou.

O segundo túmulo é o do padre Cícero. Desde sua morte, em 20 de julho de 1934, devotas/os passaram a visitar, em romaria, o lugar onde o sacerdote está sepultado. Essas vultosas visitas, tanto no dia 20 de julho, mas, principalmente, no dia 02 de novembro, quando os católicos celebram o dia de Finados, se transformaram em duas das maiores romarias de Juazeiro.

Sobre túmulo do sacerdote, romeiros e romeiras de forma ritualística colocam objetos, cartas, fotografias e toda espécie de coisas que compram em Juazeiro do Norte, na crença que tal contato com o túmulo do “Padim”, abençoará os objetos que desse contato saem de lá bentos.

Em um nicho em frente à capela, foi construída uma estátua de tamanho real do padre Cícero, pelo escultor italiano Agostinho Balmes Odísio ((SILVA, 2015). O romeiro se refere a esta estátua como “o santo que fica no sol” (PAZ, 2004), posto que, por não ser um santo canonizado, sua imagem não podia estar dentro da igreja. Toda romeira e romeiro que vem em romaria ao Juazeiro do Norte tem em seu itinerário passar pela estátua para receber as bênçãos do “padim Ciço”.

Dada a complexidade o lugar, é possível trabalhar diversos temas, como a questão da mulher na sociedade, a religiosidade, a historiografia do morrer, as trocas religiosas e simbólicas daqueles que creem no padre Cícero.



**Figura 4** - Largo do Socorro: Capela de N. S. Perpetuo Socorro, Casa dos Milagres e devotas/os rezando em frente ao nicho do padre Cícero

No largo do Socorro, é possível visitar também a “**Casa dos Milagres**”. Trata-se de um imóvel residência que em 1936, dois anos após a morte do padre Cícero, foi transformado em lugar para depositar ex-votos. Lá se pode ver quadros,

imagens, peças de madeira em forma de partes do corpo humano (braços, pernas, cabeças, mãos, etc.), fotografias, santinhos, maquetes de casas, miniaturas de carros, até cartazes de políticos. Ou seja, tudo o que foi prometido em promessa, ao ser alcançada transforma-se em ex-voto.

Por fim, continuando ao redor do Largo do Socorro, visita-se a Fundação Memorial Padre Cícero. Fundada em 22 de julho de 1988, funciona como espaço de arquivo, museu e auditório. Na sala do museu encontram-se fotografias sobre a história política do sacerdote, objetos pessoais, vestimentas, móveis. No arquivo existe um acervo de livros, jornais e outros documentos sobre a história religiosa e política do Juazeiro. No auditório, com capacidade para 350 pessoas, realizam-se eventos culturais e científicos.

A partir deste equipamento é possível estudar as questões políticas do Juazeiro do Norte e do Ceará, cotidiano, hábitos, etc. assim como, partindo das nossas reflexões sobre memória e patrimônio, podemos analisar os usos e poderes que se inserem nos lugares de memória, e refletir sobre conceitos como “**documento monumento**”, identidades, memória e escrita da História, o papel do museu na sociedade, seus usos e formas de organização de acervos.

#### **D. Praça Padre Cícero**

O último ponto de parada da nossa aula de campo é na praça padre Cícero. Situada no coração do Juazeiro, é o principal ponto de encontro não só para a população da cidade, mas, sobretudo, para os milhares de romeiras e romeiros que vem em peregrinação.

As praças sempre tiveram uma função importante na vida cotidiana das populações. Seja como um espaço de disputas políticas, manifestações, protestos, festas ou, simplesmente, um lugar para sentar e conversar, observar, sociabilizar-se. Como ressalta Gohn, “a praça se constitui [...] Lócus por excelência do espaço público para o exercício da cidadania” (GOHN, 2013, p. 203).

Esta praça foi o primeiro espaço de lazer do povoado do Juazeiro. Até 1926 era denominada de “praça da liberdade”, quando foi rebatizada de “praça Almirante Alexandrino de Alencar”. Nesta praça, podemos explorar diversos episódios da história de Juazeiro do Norte, dos quais destacamos alguns:

1. *A praça da liberdade como lugar de concentração da população que reivindicava a emancipação política do povoado* - Até a primeira década do século XX, Juazeiro era apenas um distrito do Crato, mesmo já possuindo condições econômicas e políticas para se tornar um município. Em 1908, começou um movimento em prol da emancipação, com manifestos, comícios e a criação de um jornal – “O Rebate” – que seria o porta-voz do movimento emancipatório.

Neste aspecto, além de explorar as questões políticas, pode-se trabalhar como era organizado o espaço urbano do povoado, quais as práticas de lazer, comércio, os símbolos do desejo de modernidade e progresso, entre outras questões.

2. *Lugar de concentração dos combates na chamada “guerra civil do Ceará”* - A guerra eclodiu em dezembro de 1913, quando o presidente da província do Ceará, Cel. Franco Rabello, mandou tropas para invadir o Juazeiro e acabar com a influência do padre Cícero. Ao se espalhar a notícia que o governo do Ceará queria destruir a “Terra da mãe de Deus” e o “padrinho Ciço”, milhares de sertanejas/os se apresentaram para formar um exército, liderado pelo médico baiano Floro Bartholomeu, para defender o lugar e seu patriarca. A guerra teve início em dezembro de 1913 e terminou em março de 1914, com a vitória dos combatentes da “Mãe das Dores”.

Pode-se explorar o contexto político do Ceará no começo do século XX. Questões como “oligarquia Aciolista”, a “política da salvação”, a heterogeneidade dos que compuseram os “soldados” da sedição (sertanejos pobres livres, cangaceiros, mercenários, etc), as visões sobre a “Guerra”, para uns: um conflito político, para outros: uma guerra santa.

3. *Uma cidade moderna e civilizada* - Na década de 1920, quando Juazeiro já era uma cidade bastante conhecida na imprensa como lugar de fanatismo, atraso, banditismo, violência, etc., e o padre Cícero tratado como fanatizador, coiteiro de bandidos, inculto, aproveitador, entre outros adjetivos, Floro Bartholomeu, então deputado Federal, planejou uma “operação de modernização do Juazeiro”. O projeto consistia em alargar e fazer o calçamento das principais ruas, melhorar as fachadas do comércio central e, principalmente, melhorar a estrutura da principal praça da cidade colocando no seu centro um monumento em homenagem ao padre Cícero. Para tal, contratou para esculpir uma estátua do religioso, o mais famoso escultor daquele momento no Brasil: Laurentino Ramos. O monumento ficou em exposição no salão de Bellas Artes, no Rio de Janeiro, em 1923. A inauguração



aconteceu em 11 de janeiro de 1925, com grande repercussão na imprensa de todo Brasil.



**Figura 5** - Fotos do escultor Laurindo Ramos ao lado da estátua do padre Cícero, fotos da inauguração da estátua e fotos atual da estátua na praça

Para a inauguração do monumento e renomeação da praça, que contou com a presença da Escola de Marinheiros, Floro Bartholomeu alugou carros para desfilar nas ruas principais e encomendou uma filmagem que posteriormente foi transformada em filme, que foi exibido em salas de cinema das principais capitais do Brasil<sup>5</sup>, numa clara intenção de apresentar padre Cícero:

Exercendo maior influência que um homem já manteve no seio das populações nordestinas, o **espírito progressista e culto do padre Cícero**, dela se prevaleceu tão somente para pratica do bem. Incentivador de todos os melhoramentos, o patriarca transformou o Juazeiro numa pequena aldeia numa cidade moderna, habitada por cerca de 50 mil habitantes, com 8.000 casas aproximadamente, centro de uma extensa e laboriosa região agrícola.

Foco de um intenso e prospero comercio, empregou seus haveres na criação e manutenção de estabelecimentos onde o asilo e as instruções são dadas aos desvalidos. Espalhou esmolas a mãos cheias, dirigiu, consolou, aconselhou. Enfim, apaziguo as desavenças, pôs termos as lutas praticidades, fomentou os trabalhos agrícolas, foi um anjo tutelar do Cariri (filme padre Cícero: o patriarca do Joaseiro, 1925)

Ao encomendar a estátua, Floro Bartholomeu exigiu que a mesma representasse um padre Cícero culto, bem vestido, com livro na mão, bem longe da imagem de um sacerdote fanatizador, inculto, etc. Talvez, por isso, este monumento não tem conotação religiosa, ou seja, diferente dos demais em que devotas e devotos acendem velas, rezam, deixam ex-votos, escrevem pedidos de graças, seus

<sup>5</sup> Parte do filme está disponível no Youtube no seguinte link: [https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=z8KX5\\_fZ5EY](https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=z8KX5_fZ5EY)

nomes e suas cidades, não se verifica junto a essa estátua nenhuma destas manifestações.

Neste ponto de visitação, portanto, é possível explorar temas como: política, transformação do espaço urbano, o padre Cícero político no imaginário dos fiéis, o discurso do progresso e da civilidade, entre outras questões pertinentes.

## **Considerações Finais**

Uma das vantagens da História local é poder desenvolver a articulação entre a abordagem teórica em sala de aula e atividade prática no espaço da cidade, pois, nos lembra SAMUEL (1989, p. 220), é possível encontra-la “[...] dobrando a esquina e descendo a rua. Ele pode ouvir os seus ecos no mercado, ler seu grafite nas paredes, seguir suas pegadas nos campos.”

Um dos temas abordados na disciplina de História local do mestrado profissional em História/ URCA, a questão da Educação Patrimonial e patrimônio urbano pode ser vivenciada e problematizada em uma aula de campo que pode levantar questões de identidade, de memória e escrita da História.

O objetivo principal da aula de campo é instigar os docentes a refletirem sobre como a memória e a identidade de uma comunidade estão presentes nos espaços que muitas vezes passam despercebidos em meio a correria do cotidiano. As propostas de reflexão, por óbvio, devem respeitar as capacidades cognitivas dos discentes envolvidos. No caso em questão, levamos para esse passeio por espaços e temporalidades diversos, uma turma de professores que cursam o mestrado profissional em História da Universidade Regional do Cariri – URCA. Com eles buscamos levantar reflexões sobre como o professor pode discutir memória, identidade, patrimônio, ensino e escrita da História a partir de uma aula diferente que estimula a criticidade nos estudantes.

Entretanto, vale ressaltar que esse mesmo percurso pode e deve ser utilizado com alunos de ensino fundamental e médio para, a partir de uma interação com espaços, objetos e narrativas da aula de campo possam se entender como sujeitos da História, cujas características culturais podem ser entendidas em contextos locais e também em contextos mais amplos. Acreditamos que essa experiência e esse “despertar” para um pertencimento a esses espaços e histórias podem gerar nesses alunos não só um melhor entendimento da História como ciência, mas também

estimula-los a pensar a importância das memórias daqueles que vieram antes deles (pais, avós, bisavós), e dos rastros que os homens e mulheres constroem em seus próprios tempos e espaços. Isso pode gerar não só um sentimento de identidade e pertença, mas também um entendimento sobre a importância da preservação das diversas formas de patrimônios.

Sendo o Juazeiro do Norte, uma espécie de “cidade monumento”, com um espaço urbano marcado pela memória, pela devoção, pela religiosidade e pela luta por poder, podemos ver como as histórias dos indivíduos ordinários se cruzam e se interligam com os fatos históricos presentes na historiografia local, estadual e nacional.

### Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Regivania Rodrigues de, & Holanda, Cristina Rodrigues. Memorial Padre Cícero e outras Histórias. Nova Olinda-CE: Fundação Casa Grande Memorial do Homem Kariri, 2018. Disponível in: <https://cariridasantigas.com.br/wp-content/uploads/2020/10/memorial-padre-cicero-e-outras-historias.pdf>

BRASIL. Ministério da Educação. Parâmetros Curriculares Nacionais: História. Brasília: 1997. Disponível in: <https://cptstatic.s3.amazonaws.com/pdf/cpt/pcn/volume-05-1-historia-e-geografia.pdf>

BERBEL, Neusi. As metodologias ativas e a promoção da autonomia dos estudantes. Seminário: Ciências Sociais e Humanas, Londrina, v. 32, n. 1, p. 25-40, jan./jun. 2011.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes (Org.). O saber histórico em sala de aula. 7ª ed. São Paulo: Contexto, 2002.

\_\_\_\_\_, Circe Maria Fernandes. Ensino de História: fundamentos e métodos. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.

BRASIL. Lei nº 9.394/96. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: Editora do Senado, 1996.

BYUNG-CHUL, Han. O desaparecimento dos rituais: uma topologia do presente. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021.

CAIMI, F. E.. (2006). Por que os alunos (não) aprendem História? Reflexões sobre ensino, aprendizagem e formação de professores de História. Tempo, 11(21), 17–32.

CERTEAU, Michel de. A Operação Histórica. In: Nora, Pierre e Le Goff, Jaques. História: novos problemas. RJ, Francisco Alves, 1988.

CHAVES, Lyjane Queiroz Lucena. Patrimônio material e ensino de História: a importância da História Local em sala de aula. Revista Educação Pública, v. 20, nº 8,

3 de março de 2020. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/20/8/patrimonio-material-e-ensino-de-historia-a-importancia-da-historia-local-em-sala-de-aula>

CHOAY, Françoise. A alegoria do Patrimônio. 4ª ed. São Paulo: Estação Liberdade/Unesp, 2006.

DELLA CAVA, Ralph. Milagre em Joazeiro. 4ª. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

DONNER, Sandra Cristina. História Local: discutindo conceitos e pensando na prática. O histórico das produções no Brasil. Anais do XI Encontro Estadual de História. Universidade Federal do Rio Grande. 2012. 223-235.

FLORÊNCIO, S. R. et al. Educação Patrimonial: histórico, conceitos e processos. Rio de Janeiro: Iphan, 2014.

FONSECA, Selva Guimarães. História local e fontes orais: uma reflexão sobre saberes e práticas de ensino de História. História Oral, v.9, n.1, p. 125-141, jan-jun. 2006.

GOHN, M. G. Os jovens e as praças dos indignados: territórios de cidadania. Revista Brasileira de Sociologia, Brasília, v. 1, n. 2, p. 203-221, 2013. Acesso em: 05 nov. 2023.

HENCKLEIN, Fabiana Aparecia. Aulas de campo: uma estratégia de ensino necessária? Atas do IX Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências – IX ENPEC Águas de Lindóia, SP – 10 a 14 de Novembro de 2013. p.1-8.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. Guia Básico de Educação Patrimonial. Brasília: IPHAN/ Museu Imperial, 1999. Disponível in: [http://portal.iphan.gov.br/uploads/temp/guia\\_educacao\\_patrimonial.pdf.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/temp/guia_educacao_patrimonial.pdf.pdf)

MACHADO, Paulo de Tarso Gondim. Cartório como fonte de pesquisa: Certidão histórica da Comarca de Juazeiro do Norte. Gráfica Royal, Juazeiro do Norte: 1994.

OLIVEIRA, Hernani Robinson da Luz. Ensino de História com Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação: O uso do blog na disciplina de Estudos Regionais. Dissertação de mestrado do profHistória da URCA/2021. Disponível in: <https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes>

PAZ, R. M. . O santo que fica no sol. Uma leitura etnográfica sobre a devoção ao Padre Cícero de Juazeiro do Norte. In: Lima, Marinalva Vilar de; Marques, Roberto. (Org.). Estudos Regionais: limites e possibilidades. Crato: Ceres, 2004

PINHO, Maria de Fátima Moraes. Horto do padim Ciço – Narrativas, imaginário, intervenções. Sobral: Sertão Cult, 2023.

SAMUEL R. História local e história oral. Revista Brasileira de História. São Paulo, ANPUH, v.9, n. 19, p. 219-242, 1989

SANTOS, N. de A. Prática de campo: desenvolvendo uma atitude científica nos estudantes. In: LEAL, E. A.; MIRANDA, G. J.; NOVA, S. P. de C. C. (Orgs). Revolucionando a sala de aula: como envolver o estudante aplicando as técnicas de metodologias ativas de aprendizagem. 1 ed. São Paulo: Atlas, 2018.

SILVA. Amanda Teixeira da “A fisionomia da pedra”: um olhar sobre a escultura de Agostinho Balmes Odísio. Revista Espacialidades [online]. 2015, v. 8, n. 1. ISSN 1984-817X, disponível in: <https://periodicos.ufrn.br/espacialidades/article/view/17718/11569>

VALENTE, José Armando; ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini; GERALDINI, Alexandra Fogli Serpa. Metodologias ativas: das concepções às práticas em distintos níveis de ensino. Rev. Diálogo Educ., Curitiba, v. 17, n. 52, p. 455-478, abr./jun. 2017.

---

***Maria de Fátima Morais Pinho***

Doutora em História Social pelo programa de Pós-graduação da Universidade Federal Fluminense (UFF), Mestre em Desenvolvimento Regional pela Universidade Regional do Cariri (2002), possui especialização em Planejamento Educacional pela Universidade Vale do Acaraú (1998) e graduação em História pela Universidade Regional do Cariri (1992). Professora Associada N do Departamento de História da Universidade Regional do Cariri. Tem como áreas de atuação: Ensino de História; História do Brasil, Ceará e Cariri; Desenvolve pesquisas com ênfase nos seguintes temas: Representação Social, História e Imprensa, Imaginário, Cultura e Religiosidade popular, padre Cícero devoção e imaginário popular; Ensino de História Local; A gripe espanhola. Professora do Mestrado em Ensino de História - ProfHistória/URCA/UFRJ.

**Currículo Lattes:**

<http://lattes.cnpq.br/1050194546722143>

---

---

***Maria Lucélia de Andrade***

Possui graduação em História - Licenciatura Plena pela Universidade Estadual do Ceará (2004). É mestra em História Social na Universidade Federal do Ceará.

**Currículo Lattes:**

<http://lattes.cnpq.br/5787844194833139>

---

**Artigo recebido em:** 07 de setembro de 2023.

**Artigo aprovado em:** 17 de dezembro de 2023.